

BF22_BIENAL DE FOTOGRAFIA DE VILA FRANCA DE XIRA

Museu Municipal de Vila Franca de Xira e Fábrica das Palavras

12 de Novembro de 2022 a 26 de Fevereiro de 2023

Curadoria Geral: Ana Rito

**BF
22**

V I L A F R A N C A D E X I R A

BF22

PROGRAMA CURATORIAL_BIENAL DE FOTOGRAFIA_VILA FRANCA DE XIRA_
CURADORIA GERAL_ANA RITO

ARTISTAS

MARCELO MOSCHETTA

NOÉ SENDAS

HENRIQUE PAVÃO

MANUELA MARQUES

PIERRE COULIBEUF

GARY HILL

OS ESPACIALISTAS & GONÇALO M. TAVARES

BATIA SUTER

RITA CASTRO NEVES & DANIEL MOREIRA

RAQUEL MELGUE

PAULO LISBOA

SINOPSE

Panta Rhei. Tudo flui. Tal qual o rio de Heráclito: «Nenhum homem se banha no mesmo rio duas vezes, pois não é o mesmo rio e ele não é o mesmo homem», assim é com as imagens paradoxais. As águas que banham a Lezíria parecem estáticas, mas correm, gerando um fluxo constante de imagens. Não olhamos duas vezes a mesma imagem, porque esta é sempre outra, na medida em que aquele que a olha é sempre outro; Não existem, portanto, imagens fixas. A técnica parece afirmá-lo, mas estas são percebidas sempre por um sujeito em movimento, em constante mutação. Ao devir, à impermanência que nos aponta o filósofo grego, acrescentamos o conceito de paralaxe: um aparente deslocamento do objecto observado, aqui imagem, que é causado por uma mudança no posicionamento do observador.

Ora, é precisamente no intervalo entre o fixo e o movente, a imagem e o corpo, o óptico e o háptico, que nos situamos: no território das imagens paradoxais que são duplas por natureza.

O programa curatorial apresenta um conjunto de obras de artistas nacionais e internacionais que permite criar zonas de contacto e de diálogo. Considerando as relações entre a fotografia e a literatura, a escultura, o desenho, o cinema ou a vídeo arte, as duas exposições são concebidas como constelações entre universos autorais: do campo expandido da fotografia ao objecto.

Tendo como ponto de partida o enquadramento da paisagem e a dimensão imagética da palavra, **NÃO OLHAMOS DUAS VEZES A MESMA IMAGEM**, reúne um conjunto de autores que farão uma intervenção nos vários espaços da Biblioteca (incluindo as salas de leitura) combinando fotografia e imagem em movimento na constituição de uma poética cruzada entre *medium*/matéria e lugar. Desde o conceito de “esboço fotográfico” à foto-instalação, passando por instalações de carácter híbrido, esta é uma proposta que coloca em cena o espaço agora ocupado, o texto-imagem ou a janela-ecrã que o emoldura.

Na exposição **DIANTE-DENTRO**, é a imagem intersticial - resultado do efeito de paralaxe, do reposicionamento dos corpos e da sobreposição de campos perceptivos - que intui o devir, conceptualizando a denominada “imagem com relevo” e a relação entre ar (imagem) e pedra (objecto-escultura). Num primeiro núcleo da exposição, e a partir de colecções privadas, será apresentado um conjunto de cartões estereoscópicos, positivos em albumina e visores do séc. XIX, na constituição de uma antecâmara desenvolvida em parceria com outros investigadores. A exposição inclui, a par deste introito, projectos de artistas contemporâneos que reflectem as relações históricas entre o fotográfico e o escultórico na intersecção de imagens “esculpidas” e o dispositivo.

A fotografia atravessa o corpo e introduz-se entre o olhar e o mundo. Ao introduzir-se entre o olhar e o mundo subtrai imagens, acrescenta e produz novos objectos. Subtraídas ao mundo, aos corpos e aos objectos as imagens adicionam-se-lhe de novo, numa espécie de segunda pele, a que se seguem outras numa renovação permanente. Tudo flui. Tal qual o rio de Heráclito. Em loop.

BF22 BIENAL DE FOTOGRAFIA DE VILA FRANCA DE XIRA

Museu Municipal de Vila Franca de Xira e Fábrica das Palavras

12 de Novembro de 2022 a 26 de Fevereiro de 2023

Curadoria Geral: Ana Rito

PROGRAMA BF22

Exposições

Fábrica das Palavras: **NÃO OLHAMOS DUAS VEZES A MESMA IMAGEM**

Museu Municipal: **DIANTE-DENTRO**

. No contexto do ciclo expositivo será desenvolvido um programa de mediação com a participação de várias entidades e instituições, nomeadamente o Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (CEIS20), Universidade Lusófona (CICANT e COW) entre outras.

. Investigadora associada: Ana David Mendes (CICANT/CAUC)

Serão organizados:

- . Seminários sobre Imagem com convidados de áreas do saber diversas
- . Um conjunto de visitas temáticas com a participação da curadora e convidados
- . Workshops com a colaboração de investigadores e artistas
- . Programa dirigido às escolas com a colaboração das equipas educativas da CMVFX
- . Ciclo de filmes

CONCEITO CURATORIAL

A imagem não é necessariamente uma imagem estática ou uma imagem animada. Parece ser, paradoxalmente, e cada vez mais, ambas ao mesmo tempo. A natureza arrebatadora da imagem não se caracteriza mais, como era geralmente o caso da imagem fixa e a imagem movente, pelo seu estado de fixidez ou movimento, uma vez que esta, tributária de interacções, é a partir deste momento variável.¹

Caroline Chik em *L'Image Paradoxale – Fixité et Mouvement* (2011) introduz o conceito de *imagens fixas-animadas* (*Images fixes-animées*) como tentativa de definição de um aparente paradoxo, na medida em que a fixidez está sempre virtualmente presente na imagem movente, assim como o inverso.

Esta condição é uma característica de algumas imagens existentes, as quais são duplas por natureza.

Não existem, portanto, imagens fixas. A técnica parece afirmá-lo, mas estas são percebidas sempre por um sujeito em movimento, em constante mutação. Não olhamos duas vezes a mesma imagem, porque esta é sempre outra, na medida em que aquele que a olha é sempre outro; não existem imagens fixas porque as imagens abrem e fecham tal qual os nossos corpos, tal qual as nossas pálpebras, abrem e fecham em busca de um olhar, pulsando conforme as emoções, abrindo e fechando entre a contração e o relaxamento da sístole e da diástole. As imagens implicam-nos enquanto espectadores, de forma a gerar algo que poderíamos nomear de *pequeno acontecimento*.

Panta Rhei. Tudo flui. Tal qual o rio de Heráclito: «Nenhum homem se banha no mesmo rio duas vezes, pois não é o mesmo rio e ele não é o mesmo homem», assim é com as imagens paradoxais. As águas que banham a Lezíria parecem estáticas, mas correm, gerando um fluxo constante de imagens.

Ao devir, à impermanência que nos aponta o filósofo grego, acrescentamos o conceito de paralaxe: um aparente deslocamento do objecto observado, aqui imagem, que é causado por uma mudança no posicionamento do observador. A este observador tomemos-lhe o corpo.

Ora, em *Matéria e Memória*, Henri Bergson apresenta uma imagem de um universo em permanente movimento, formado por imagens que agem e reagem umas às outras. Relativamente às representações anteriormente proporcionadas pela ciência, esta proposição tem a vantagem de oferecer uma imagem móvel, constituída por elementos heterógenos compostos de modo a criar contactos (redes, atlas) sempre provisórios. O pertinente na passagem da concepção inicial de um universo centralizado, em que todas as imagens variam indiferentemente para as seguintes, para um em que estas passam a variar a partir da presença de um corpo, chamado de centro de indeterminação, é a suposição de que as imagens preexistem à consciência, que o mundo material anterioriza a presença de uma consciência que virá a interpretá-lo. O corpo distingue-se neste contexto enquanto ecrã, enquanto verdadeiro processador (*medium*) sensível que atua simultaneamente: absorvendo e refletindo as imagens (de modo muito semelhante ao negativo fotográfico quando exposto à ação da luz) como aponta José Bragança de

¹ Caroline Chik, *L'Image Paradoxale – Fixité et Mouvement*, Paris: Presses Universitaires du Septentrion, 2011, p.13.

Miranda: «Se este (o corpo) era uma projecção proveniente do mito, e da teologia, difratada pela óptica moderna, agora serve de ecrã para a projecção de imagens potentes, que o redesenham em profundidade. Trata-se, está bom de ver, de um ecrã paradoxal, que muda à medida que a imagem o toca, penetrando-o em profundidade.²»

As imagens que olhamos não são apenas as que podemos conceptualizar distintamente, mas também as imagens poéticas que são originadas pela montagem, pelo movimento (des-locamento), pelo corte, pela pausa. O sistema de diferenciação entre as imagens, o interstício que as separa, faz surgir um “terceiro”. Essa imagem, imprevisível, surge-nos como *epifania* denunciando-se a si mesma. Podemos apontar o elemento que passa subterraneamente nas imagens: o tempo³. A imagem torna-se imensurável, e imensuráveis tornam-se também as relações que se fundam, porque é o tempo que aqui importa e que se torna matéria – no duplo sentido que esta palavra suporta –, o tempo vivido que torna indiscerníveis real e simulacro, real e ficcional. E é, assim, na multiplicação de legibilidades que a imagem vibra, tornando-se única (e particular) a cada nova leitura (encontro). Em função deste processo de dissemelhança (que Deleuze explana na identificação de uma espécie de terceira imagem) entendemos que a revelação da metáfora acontece na diferenciação, ou seja, no intervalo.

Esta imagem intersticial vem, como avançámos anteriormente, ao encontro do espectador. Imagem a imagem. Corpo a corpo.

Loop Through⁴. É a obra de Gary Hill que nos guia neste deslocamento. Percorrer. Distender o intervalo que se estabelece no momento em que a imagem que se olha, olhando o espectador. A imagem que se fixa naquele que a fixa, reposicionando-se a cada olhar. Tudo flui. Tal qual o rio de Heráclito. Loop.

*Porque a imagem de uma coisa tem aspecto e forma semelhante
Àquele corpo do qual se diz que fluiu para vaguear,
E estas imagens, como películas desprendidas da superfície
Dos corpos das coisas, voam para um e outro lado através dos ares⁵*

Para Lucrécio as imagens são as coisas e as coisas são imagens. De facto, só existe superfície, a qual se dobra e desdobra, onde não há diferença entre interior e exterior, entre aparência e profundidade.

² José Bragança de Miranda, *Corpo e Imagem* (Lisboa: Vega, 2008), 96.

³ (...) porque, em primeiro lugar, a questão não é mais a da associação ou da atração das imagens. O que importa, ao contrário, é o interstício entre as imagens, entre duas imagens: um espaçamento que faz com que cada imagem se arraste para o vácuo e caia (...) Para uma dada imagem, trata-se de escolher uma outra imagem que induza/produza um interstício entre as duas. Esta não é uma associação de funcionamento, mas a diferenciação (...): um potencial dado, devemos escolher um outro, não um, mas de modo a que uma diferença de potencial é estabelecida entre os dois que é um produtor de um terceiro ou algo de novo. Gilles Deleuze, *L'Image-Temps. Cinema 2*, Paris: Éditions de Minuit, 2009, p.234.

⁴ Ao contrário de “look trough”: ver através que parece indicar uma linha recta, a linha de “loop trough” é circular.

⁵ Lucrécio, *Da natureza das coisas*, Relógio D' água, 2015, p.201.

A materialidade de uma imagem, e a iminência do toque, manifesta-se na superfície tensional do mundo, transportando-nos, de quando em vez, para locais inacessíveis, implausíveis.

O conceito de “háptico”, tal como sugere a sua raiz etimológica, permite-nos tomar contacto com o corpo e a superfície das coisas. Assim, enquanto a base do toque é precisamente tentar chegar a uma coisa, a um lugar ou a uma pessoa (incluindo nós mesmos) esta também implica o seu inverso: isto é, ser tocado de volta. À medida que a imagem é traduzida em resposta física, o corpo e a imagem não mais funcionam como unidades distintas, mas como superfícies de contacto, comprometidas com uma constante actividade recíproca de alinhamento assim como de inflexão. Simultaneamente próxima e distante, é este o paradoxo da imagem que procura o seu espectador, que quer vir ao seu encontro, a mesma que com ele exercita um jogo duplo em que a premissa parece ser a aceitação do fenómeno, do fascínio, da reversibilidade, do aurático: o aparecimento único de algo distante. Assim propôs a fotografia estereoscópica na construção de “imagens com relevo”: a mesma “terceira imagem”, resultante de uma experimentação única na história da imagem. Nesse jogo, aceitamos, enquanto espectadores, o lançamento dos dados, suspendemos o real e mergulhamos na ficção. Esta imagem-coisa que deseja vir ao encontro de quem a olha, de quem a toca (em potência), força a sua saída de dentro para fora, “rasga” a superfície/ película através da qual respira, transpira, move e onde ganha corpo/matéria. Nem puramente óptico nem puramente manual, o espaço háptico manifesta-se historicamente, para Maldiney, na arte egípcia, na qual o baixo relevo (situando-se entre a pintura e a escultura, entre o olho e a mão), ao postar a forma e o fundo no mesmo plano (distinguidos apenas pelo contorno), inaugura uma tal sensibilidade táctil do olho⁶. Para Buydens⁷, a proximidade, enquanto motor de uma visão háptica, é sinónimo de “presença”, entendida como o avesso da representação. Ora, a correspondência entre o espaço háptico e um tal espaço de proximidade inaugura essa possibilita um encontro mais imediato com a vida sempre que a imagem fotográfica investiga as potencialidades do espaço háptico (de visão aproximada) e realiza a dobra⁸ do visível sobre si mesma. Por fim, diz-nos Didi-Huberman, em *Gestes d’Air et de Pierre – Corps, Parole, Souffle, Image* (2005), e tendo como ponto de partida *Le souffle indistinct de l’image* (1993), de Pierre Fédida, que a imagem respira, sendo o fôlego e o pulso do tempo. A imagem-sopro aproxima-se daquilo a que denomina de *parole des morts* (palavra dos mortos): um espaçamento, um silêncio (entre a transparência: ar, imaterialidade ou ausência e a opacidade: pedra, materialidade ou presença): «A matéria das imagens? É a improvável combinação dos materiais a que tudo deve ter oposição. Assim, pedra e ar sabem perfeitamente encontrar-se na imagem.⁹» Sabemos da correspondência inicial entre a fotografia (muito especialmente a estereoscópica) e a escultura (objecto, estátua). As chamadas “imagens com relevo” animam a estátua, conduzem o objecto a esse lugar intersticial que presentifica. A fotografia no século XIX indicia uma mudança determinante quer da nossa poética quer da técnica. A fotografia atravessa o corpo e introduz-se entre o olhar e o mundo. Ao introduzir-se entre o olhar e o mundo subtrai imagens, acrescenta e produz novos objectos. Subtraídas ao mundo, aos corpos e aos objectos

⁶απτική em grego significa tocar.

⁷Mireille Buydens, *Sahara; L’Esthétique de Gilles Deleuze* (Paris: Vrin, 2006).

⁸Gilles Deleuze, *Le Pli - Leibniz et le Baroque* (Paris: Les Éditions de Minuit, 1988).

⁹Georges Didi-Huberman, *Gestes d’Air et de Pierre – Corps, Parole, Souffle, Image* (Paris: Les Éditions de Minuit, 2005), 63-64.

BF22_BIENAL DE FOTOGRAFIA DE VILA FRANCA DE XIRA

Museu Municipal de Vila Franca de Xira e Fábrica das Palavras

12 de Novembro de 2022 a 26 de Fevereiro de 2023

Curadoria Geral: Ana Rito

as imagens adicionam-se-lhe de novo, numa espécie de segunda pele, a que se seguem outras numa renovação permanente. Tudo flui. Tal qual o rio de Heráclito. Em loop.

BIOGRAFIA DA CURADORA

ANA RITO (Lisboa, 1978)

Artista visual, curadora, investigadora e docente universitária. É Doutorada em Belas Artes pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, na especialidade de Instalação. Desenvolve, desde 2002, projectos que cruzam a prática artística e curatorial, sendo o seu domínio de especialização a performatividade da imagem movente e as dinâmicas do espectador, no seio do dispositivo expositivo. Foi Assistente de Curadoria do Dr. Jean-François Chougnat, Director do Museu Coleção Berardo de 2007 a 2011, tendo desenvolvido investigação curatorial, e assistido vários curadores e artistas. Dos seus projectos curatoriais destacam-se a exposição SHE IS A FEMME FATALE: artistas mulheres na Fundação de Arte Moderna e Contemporânea Museu Coleção Berardo, One Woman Show, Organização do Ciclo de Filmes em colaboração com o Festival Temps d'Images (2009); SHE IS A FEMME FATALE#2, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Biblioteca do Campus de Caparica, Almada, em 2010 OBSERVADORES Revelações, Trânsitos e Distâncias, Fundação de Arte Moderna e Contemporânea Museu Coleção Berardo (2011); CURATING THE DOMESTIC Images@home, Trienal de Arquitectura de Lisboa (2013); A IMAGEM INCORPORADA/THE EMBODIED VISION: Performance para a câmara, Museu Nacional de Arte Contemporânea Museu do Chiado (2014); Arquivo e Democracia, de José Maçãs de Carvalho, MAAT (2017), CONSTELAÇÕES: uma coreografia de gestos mínimos (2019-2022), UMA VIDA INTEIRA – Nuno Sousa Vieira, BAG – Leiria (2021), ENIGMA – Pierre Coulibeuf (2022). Desde 2002, no desenvolvimento dos seus projetos artísticos e curatoriais, colaborou com as seguintes instituições e agentes, entre outras: MACBA, Warburg Institute, Arquivos Yves Klein, Haus Lange-Haus Esters - Kunstmuseen Krefeld, Museu do Chiado, Museu de Serralves, Fundação Calouste Gulbenkian, Casa das Histórias, Centro Georges Pompidou, Trienal de Arquitetura, Arquivos Walter Benjamin, Festival Temps d'Images, Eletronic Arts Intermix, Festival Internacional de Vídeo FUSO, CAPC- Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, MUCEM, Marselha. Autora de livros e catálogos de exposição e de ensaios para catálogos de exposição, membro de júris nacionais e internacionais, é também Curadora Associada da plataforma UmbigoLAB e da ArtCuratorGrid/ArtPool.

É atualmente Investigadora Integrada do CEIS20_ Universidade de Coimbra, sendo co-coordenadora da linha de investigação Arte e Performance (Performatividade da Imagem). Lecciona nos Cursos de Mestrado em Estudos Curatoriais e de Doutoramento em Arte Contemporânea no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra.

É Sub-Directora do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra.

BIOGRAFIAS DOS ARTISTAS

Gary Hill

(Santa Monica, California, 1951)

Gary Hill é um dos artistas contemporâneos mais importantes que investiga as relações entre a palavra e a imagem. Originalmente formado em escultura, Hill começou a trabalhar em vídeo em 1973 e produziu um grande corpo de instalações de vídeo que incluem algumas das obras mais significativas no campo da videoarte.

Estudou na Arts Student League em Woodstock, Nova York. Das variadas bolsas atribuídas e prémios destacam-se: Conselho de Artes do Estado de Nova York, do National Endowment for the Arts, duas bolsas da Fundação Rockefeller e uma bolsa da Fundação Guggenheim. Em 1984-85 recebeu uma bolsa de intercâmbio Japão/Estados Unidos e, em 1988, recebeu uma bolsa de intercâmbio França/Estados Unidos, concluindo grandes trabalhos em ambos os países. Hill recebeu o Prémio Leão de Ouro de Escultura na Bienal de Veneza em 1995. Em 1998, Hill recebeu a prestigiosa bolsa da Fundação McArthur. Nos últimos anos, ele foi premiado com o Kurt-Schwitters-Preis (2000), uma Medalha Skowhegan (2003) e um Grau Honorário de Doutor Honoris Causa da Academia de Belas Artes de Poznan, Polónia (2005). Hill participou no Laboratório de Televisão da WNET/Treze; Synapse Video Center, Syracuse, Nova York; Canal Portátil, Rochester, Nova York; o Experimental Television Center, Owego, Nova York; Sony Corporation, Hon Atsugi, Japão; Instituto de Arte de Chicago; e Instituto de Artes da Califórnia. Lecionou no Centro de Estudos de Mídia, Buffalo; Bard College, Annandale-on-Hudson, Nova York e o Cornish College of the Arts, Seattle.

Das suas inúmeras exposições destacam-se: Vancouver Art Gallery, British Columbia, Canadá; Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington, D.C.; Fundação Santander Central Hispano, Madrid; O Museu de Arte Moderna de Nova York; Museu do Louvre, Paris; ZKM - Centro de Arte e Mídia, Karlsruhe, Alemanha; Documenta 8, Kassel, Alemanha; Museu de Arte de Long Beach, Califórnia; Stedelijk Museum, Amsterdam, e o Video-Skulptur Retrospektiv und Aktuell 1963-1989, Colônia, Alemanha, entre outros festivais e instituições. A obra de Hill também foi tema de retrospectivas e mostras individuais no MIS - Museu da Imagem e do Som, São Paulo, Brasil; Fondation Cartier pour l'art contemporain e Centre Pompidou em Paris; Museu Whitney de Arte Americana, Nova York; Museu de Arte Moderna de São Francisco; Museu Guggenheim SoHo, Nova York; Museu für Gegenwartskunst, Basileia; Museu d'Art Contemporani, Barcelona; Kunstmuseum Wolfsburg; e o Museu de Arte Moderna de Nova York, entre outros.

Marcelo Moschetta

(São José do Rio Preto, Brasil, 1976)

Vive e trabalha em Coimbra, onde desenvolve sua investigação de Doutoramento em Arte Contemporânea.

Utilizando a prática do fazer artístico com acentuadas referências conceituais, desde o início da sua carreira artística em 2000, o artista cria obras e exposições decorrentes de viagens a locais remotos, onde recolhe elementos e imagens da natureza e os reproduz através do desenho e fotografia, criando instalações e objetos. Recentemente, sua pesquisa está voltada para as principais relações do homem e meio ambiente, tecnologia e memória, identidades e nomadismo. Deslocamento, Território, Paisagem e Memória são seus principais interesses.

Moschetta recebeu vários prémios e bolsas de pesquisa, incluindo The Pollock-Krasner Foundation Grant (2017), The Drawing Center Open Sessions Program (2015), Bolsa Estímulo FUNARTE (2014), Prémio de Fotografia Marc Ferrez (2012) e o I Prémio Pipa - júri popular em 2010, entre outros. Em 2013, participou da publicação Vitamin D2, Phaidon Publishing House, uma antologia do desenho contemporâneo.

Entre suas exposições de destaque estão PAST / FUTURE / PRESENT: Contemporary Brazilian Art From The MAM SP, Phoenix Art Museum (2017), OPEN SESSIONS: DRAWING IN CONTEXT/FIELD no Queens Museum, Nova York (2015), ROCKS, STONES AND DUST, University of Toronto Arte Centre (2015) e NATURE ARTE ED ECOLOGIA, MART Galeria Civica - Trento (2015). Entre as individuais estão REJEITO no Fama Museu em Itu (2020), A HISTÓRIA NATURAL E OUTRAS RUÍNAS, Galeria Vermelho - São Paulo (2018), NORTE, Paço Imperial - Rio de Janeiro (2012) e CONTRA.CÉU, Capela do Morumbi - São Paulo (2010).

O seu trabalho encontra-se representado em várias coleções privadas e institucionais.

Noé Sendas

(Bruxelas, 1972)

Vive e trabalha em Berlim, Madrid e Lisboa. Sendas começou a apresentar seu trabalho no final dos anos noventa. Referências explícitas e implícitas a artistas e criações literárias, cinematográficas ou musicais fazem parte da sua matéria-prima.

Preocupações específicas sobre a reflexão e a prática das artes visuais também podem ser agregadas ao seu repertório. São elas: o corpo, como entidade simultaneamente teórica e material; os mecanismos de percepção do observador; ou o potencial discursivo dos métodos expositivos.

O seu trabalho tem sido apresentado em inúmeras exposições individuais e colectivas, incluindo o CAV Centro de Artes Visuais, Coimbra, PT; Contretype - Centre d'art contemporain pour la Photographie, Bruxelas. Galeria Municipal do Porto, Porto, PT; Multimedia Art Museum (MAMM), Moscovo, Museu MAAT, Lisboa; Kunstraum Botschaft, Berlim, Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa; MEIAC Museu Extremeno e Iberoamericano de Arte Contemporânea, Badajoz; Fundação C/O Berlim, Berlim; MNAC Museu Nacional de Arte Contemporânea-Museu do Chiado, Lisboa, DesignhausDarmstadt, Darmstadt, Ale; VAC-Visual Arts Center, University of Texas, Texas, EUA; Patio de la Infanta - Ibercaja, Zaragoza, Esp; Goethe-Institut / Instituto Cervantes, Estocolmo; TENT, Rotterdam, Hol; CAHO-Centro de Artes Helio Oiticica, Rio de Janeiro, BR; Museu de Arte Contemporânea Gas Natural Fenosa, La Coruña, Esp, Museu Fundación ICO, Madrid. Esp; Kunstmuseum Bonn,Ale; Akademie der Kunst, Berlim (a.o.)

Manuela Marques

Manuela Marques nasceu em Portugal. Vive e trabalha em Lisboa.

É representada pela Galeria Fonseca Macedo nos Açores, Galerie Anne Barrault, em Paris, e Galeria Vermelho, em São Paulo.

Expôs regularmente o seu trabalho de fotografia e vídeo em várias instituições francesas e internacionais. Recentemente apresentou exposições individuais no Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa, Le Cellier, Reims, França (2017); o Museu de Arte e Arqueologia de Aurillac, França, e o Circuito de Artes Visuais de Coimbra, Portugal (2016); Château d'Eau, Toulouse, França; Centre Régional de la Photographie du Nord-Pas-de-Calais, França, e Fundação Calouste Gulbenkian, Paris (2014).

Em 2011, na sequência de uma exposição onde combinou fotografia e vídeo-instalação no Museu Coleção Berardo, em Lisboa, foi distinguida com o Prémio BES de Fotografia. Nesse mesmo ano, seu trabalho foi apresentado na Estação Pinacoteca, em São Paulo. Em 2019 realizou exposições no Lodève Museum (França), La-Roche-sur-Yon (França), Arquipélago Contemporary Arts Center (Açores) e Centre D'Art-Domaine de Kerguéhennec (França).

Está representada em várias colecções públicas e privadas em Portugal e no estrangeiro.

Henrique Pavão

Com um trabalho centrado em questões de entropia, perda, anacronismo, memória e temporalidade, Pavão espelha um interesse e recurso à arqueologia dos movimentos conceptuais, a que se liga um uso sofisticado de processos sensíveis. A sua obra circula por inúmeros suportes (a escultura, o filme, o vídeo, a fotografia ou o som), frequentemente com uma preocupação pelos próprios processos e mecanismos de cada *medium*, tomados como a marca da sua temporalidade ou mesmo da sua história.

Estudou Escultura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa (2013) e obteve o Mestrado em Artes Visuais (MFA) pela Malmö Art Academy (2016 – Professor Joachim Koester). Recebeu bolsas da Fundación Marcelino Botín (2021), Royal Academy of Arts Stockholm (2016) e da Fundação Calouste Gulbenkian (2015). Em 2016 foi galardoado com o Prémio Edstrandska Stiftelsens e nomeado para o Prémio Novo Banco Revelação da Fundação de Serralves. Em 2019, Henrique Pavão foi nomeado para a 13ª edição do Prémio Novos Artistas da Fundação EDP.

Destacam-se as exposições *Sea of Tranquility* (Frame Section – Frieze New York, 2021), *RED FLOWER* (Galeria Bruno Múrias, Lisboa, 2021), *Prémio Novos Artistas Fundação EDP* (MAAT – Museu de Arte Arquitetura e Tecnologia, Lisboa, 2019), *Unfinished Past (revisited)* (CAV – Centro de Artes Visuais, Coimbra, 2020), *Depois do Estouro* (Galeria Municipal do Porto, 2019), *Almodôvar Mirror-Site* (SE8 Gallery, Londres, 2019), *Now I Became Aged* (UMA LULIK_, Lisboa, 2018), *Anozero – Bienal de Coimbra* (Coimbra, 2017), *antes e depois de antes* (Culturgest, Porto, 2017), *Wherever I am not is the Place Where I am Myself* (Appleton Square, Lisboa, 2017), *Fallen Between Cracks* (KHM Gallery, Malmö, 2016) e na Royal Academy of Arts (Estocolmo, 2016), entre outras.

O trabalho de Pavão encontra-se representado em colecções institucionais como a Coleção Fundação MAAT / EDP; Coleção EGEAC – CML; Santander Consumer Collection; Fundação Leal Rios, entre outras.

Pierre Coulibeuf

Artista e cineasta.

Nascido em Elbeuf (França), em 1949. Vive em Paris. Estudos literários (DEA e tese de pós-graduação). Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres, França (2001). Pierre Coulibeuf está a desenvolver um projecto transdisciplinar: faz ficções experimentais (em filme) que investem no campo da arte, e onde as mudanças de identidade afectam os mundos ou artistas que inspiram as suas obras. Os seus filmes são apresentados tanto no cinema como, recompostos, sob a forma de instalações de vídeo-foto na rede de arte contemporânea. Os seus filmes e instalações fazem parte de importantes colecções públicas em França e no estrangeiro. Em 2013, a sua exposição no Espaço YUAN, Pequim, foi seleccionada para o Prémio Art China 2013, na categoria dos artistas estrangeiros mais influentes na China (com Andy Warhol, Marcel Duchamp, Nobuyoshi Araki, Shirin Neshat). Em 2019, é laureado das Résidences Sur Mesure do Instituto Francês em Paris (Artes Visuais). Exposições (selecção) Exposições individuais: Deichtorhallen-Haus der Photographie, Hamburgo, Alemanha, 2006. Musée d'Art Moderne et Contemporain, Saint-Etienne, França, 2009. Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil, 2009. La Casa Encendida, Madrid, Espanha; Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal, 2010. Museu de Arte Contemporânea, Perm, Rússia, 2011. Museum of Contemporary Art, Chengdu, China, 2012. Espaço YUAN, Pequim, 2013. Musée d'Art Roger-Quilliot, Clermont-Ferrand, 2013. Times Museum, Guangzhou, China, 2015. Reykjavik Art Museum, 2017. Russian Museum-Marble Palace, São Petersburgo, Rússia, 2019. Exposições colectivas: 5ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea do Mercosul, Brasil, 2005. 1ª Bienal Ural de Arte Contemporânea, Yekaterinburg, Rússia, 2010. Museu de Arte Contemporânea, Herzliya, Israel, 2011. Haus der Kunst, Munique, Alemanha, 2012. EMOP/Mois Européen de la Photographie, Luxemburgo, 2019. Museu Coleção Berardo, Portugal, 2021.

Os Espacialistas

Colectivo laboratorial de investigação teórica e prática das ligações entre Arte, Arquitectura e Educação. Substituem o lápis pela máquina fotográfica, enquanto dispositivo de desenho, de pensamento, de percepção e de diagnóstico do espaço natural e construído.

Dos trabalhos realizados destacam-se: Exposições, instalações, assistência artística a obras de arquitectura, projectos de arquitectura, espaços cénicos, performances, colaborações literárias, ilustrações fotográficas, oficinas, seminários, publicações, etc.

Gonçalo M. Tavares

Escritor português, é autor de uma vasta obra que está ser traduzida em cerca de sessenta países. A sua linguagem em ruptura com as tradições líricas portuguesas e a subversão dos géneros literários fazem dele um dos mais inovadores escritores europeus da actualidade.

Os seus livros deram origem, em diferentes países, a peças de teatro, peças radiofónicas, curtas metragens e objectos de artes plásticas, vídeos de arte, ópera, performances, projectos de arquitectura, teses académicas, etc.

BF22_BIENAL DE FOTOGRAFIA DE VILA FRANCA DE XIRA

Museu Municipal de Vila Franca de Xira e Fábrica das Palavras

12 de Novembro de 2022 a 26 de Fevereiro de 2023

Curadoria Geral: Ana Rito

Daniel Moreira e Rita Castro Neves vivem e trabalham entre o Porto e a Beira Alta, e trabalham desde 2015 em colaboração. Daniel Moreira é licenciado em Arquitectura, iniciando em 2000 um percurso multidisciplinar entre a arquitectura e as artes plásticas. Rita Castro Neves, após terminar o Curso Avançado de Fotografia do Ar.Co em Lisboa e o Master in Fine Art da Slade School of Fine Art de Londres, inicia uma atividade artística regular, de docência e de curadoria.

Com Laking, que realizaram em 2015 a convite do espaço artístico finlandês Oksasenkatu 11, começa um projeto longo a propósito da representação da paisagem, em que refletem com o desenho, a fotografia e o vídeo, de forma instalada, sobre colaboração artística, diferentes técnicas e culturas artísticas, território, escala e percurso. Realizam diversas exposições individuais e coletivas, e residências artísticas das quais destacam a Residência Paulo Reis do Ateliê Fidalga em São Paulo (2017), no Camões – Centro Cultural Português de Maputo, Moçambique (2018), a Residência Inter-Meada no Alvito (2019) e no Festival de Fotografia de Paranapiacaba (Brasil, 2019). Em outubro de 2017 realizaram uma viagem de estudo ao Japão com uma bolsa da Fundação Oriente. Em 2020 terminam o projeto de recuperação da Escola de Macieira, uma antiga escola primária do Plano dos Centenários na Serra de São Macário, na Beira Alta, para aí iniciarem um projeto de reflexão sobre cultura serrana, a natureza e o rural, e logo pela ecologia, a biopolítica e a preservação ambiental.

Raquel Melgue

Porto (1985).

Vive e trabalha em Lisboa.

Mestre em Artes Visuais-Intermídia Digital e Licenciatura em Artes Visuais- Pintura, pela Universidade de Évora.

Artista visual mixed media que desenvolve o seu trabalho nas áreas da fotografia, vídeo e instalação sendo o mesmo apresentado desde 2007, ano em que foi seleccionada para o prémio AIAS - Prize of Honour em Zurique, Suíça.

A sua prática artística surge da intenção de promover uma experiência de imersão num universo imaginado e ficcional, a partir da exploração dos limites da memória individual.

A realidade impõe-se como exercício de transgressão e/ou como imperativo eminente de transfiguração do mundo real para o virtual.

O seu percurso define-se pelo cruzamento interdisciplinar com outros artistas.

Em 2020, cria em parceria com Fábio de Carvalho o estúdio criativo OH!MANA.

Batia Suter
(Suíça, 1967)

A artista nascida na Suíça, baseada em Amsterdão, Batia Suter estudou nas academias de arte de Zurique (CH) e Arnhem (NL), e Werkplaats Typografie. Suter produz foto-animações, sequências de imagens e colagens, muitas vezes usando imagens históricas encontradas.

Em 2007 e 2016 publicou os livros de artista *Parallel Encyclopedia* e *Parallel Encyclopedia #2*, baseados em composições de imagens retiradas de livros antigos que colecionou ao longo dos anos.

Surface Series (2011), *Radial Grammar* (2018) e *Hexamiles (Mont-Voisin)* (2019), são montagens evocativas de imagens encontradas explorando as diversas ressonâncias de formas e paisagens geológicas, superfícies visuais e estruturas de imagens.

Os temas subjacentes à prática de Batia Suter são a 'iconificação' e a 'imunogenicidade' das imagens e as circunstâncias pelas quais elas se tornam carregadas de novos valores associativos. Seu trabalho situa intuitivamente imagens antigas em novos contextos para provocar reações surpreendentes e possibilidades significativas. Por este método, e com uma sensibilidade afinada para harmonias ocultas e acidentes expressivos, Suter gera assim espaços hipnagógicos onde as imagens podem comunicar pela sua própria lógica, num campo de força de metamorfose imaginativa.

Paulo Lisboa
(Lisboa 1977)

Estudou Artes Plásticas – Pintura, na Escola Superior de Tecnologias | Instituto Politécnico de Tomar e frequentou o mestrado em Desenho na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa | Universidade de Lisboa.

Apresentou as exposições individuais *Imagines Plumbi*, Galeria Graça Brandão (2018), Lisboa, Portugal; *Secção*, Casa Museu Medeiros e Almeida (2016), Lisboa, Portugal; *Plasma*, Galeria Graça Brandão (2016), Lisboa, Portugal; *Phosphora*, Galeria Graça Brandão (2015), Lisboa, Portugal e *Plateau*, Sala Bébé, (2010), Lisboa, Portugal.

Entre as exposições colectivas em que participou, destacam-se *Anuário – Uma visão retrospectiva de arte no Porto*, Galeria Municipal do Porto (2019), Porto, Portugal; *Muitas vezes marquei encontro comigo próprio no ponto zero*, com curadoria de Marta Rema, *Atelier – Museu Júlio Pomar* (2019); *Portugal, Portugueses*, Museu Afro Brasil (2016), São Paulo, Brasil; *In Absentia*, com curadoria de Marta Jecu, Galeria Graça Brandão (2015), Lisboa, Portugal; *A Rainha Vermelha*, com curadoria de Marko Stamenkovic (2013), Ghent, Bélgica; *Straight ahead and then turn*, Espaço Avenida (2011), Lisboa, Portugal; *O movimento das coisas / Coisas em movimento*, M.I.M.O. – Museu da Imagem em Movimento (2011), Leiria, Portugal; *VLTRA TRAJECTVM*, Expodium (2011), Utrecht, Holanda; *Hotchpotch*, LxFactory (2010).

Paulo Lisboa é representado pela UMA LULIK__ desde Abril de 2019.